

BUSCAR DINHEIRO FORA

A migração como estratégia

Verena Sevá Nogueira *

A migração é uma prática comumente utilizada por grupos camponeses para reprodução e permanência na *sua terra*, à qual se sentem ligados por laços de pertencimento, reportando-se a ela como morada.

Aracatú é um município que convive há muito tempo com o fenômeno social da migração. Localiza-se em região geográfica semi-árida do sudoeste do estado da Bahia, localmente identificada como sertão. Ter migrado ou ter algum parente vivendo fora é quase pleonasmos, não constituindo uma especificidade de nenhuma categoria social. Os aracatuenses deslocam-se basicamente para a região sudeste brasileira, para os estados de Minas Gerais e São Paulo.

A vida ao Sul¹ é conhecida pelos aracatuenses com uma intimidade que se não decorrente de experiência própria, é transmitida pelos conterrâneos que lá estão ou estiveram. O problema da seca, associado à falta de barragens e cisternas para armazenamento de água é invocado como um dos motivos que explicam não ser possível sobreviver somente com os recursos da região. A falta de incentivo do governo à produção agrícola, principalmente os baixos preços alcançados pelos produtos

no mercado, também é citada como um entrave à vida no sertão.

Para tratar o fenômeno da migração em Aracatú, os protagonistas serão pequenos proprietários rurais que moram e trabalham em suas terras – especificamente pessoas ligadas à fazenda² Martim e arredores – e por isso não sujeitas a um patrão ou a um senhor, como ocorre com muitos outros moradores do campo brasileiro.

Em estudo realizado em engenhos e usinas de cana-de-açúcar, no estado da Paraíba, Garcia Jr. nos mostra a migração de *moradores*³ para os estados da região Sudeste (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro) atuando como uma forma de manter a condição camponesa dos mesmos. Além da remessa de dinheiro que os migrantes enviam para sua família de origem, há muitos que retornam à sua terra depois de um período de trabalho no Sul. E, *tudo o que adquiriram no meio urbano [no Sul] constitui uma espécie de capital que os coloca em posição mais vantajosa para tentar novos meios de vida*, como, por exemplo, passar da condição de *morador* para a de pequeno agricultor, detentor de um pedaço de terra (Garcia Jr., 1989, p. 77).

Machado investigou a migração de

camponeses do município de Andaraí (região da Bacia do Paraguaçu), sertão baiano, para os estados de São Paulo e Paraná, bem como migrações interestaduais (as por ele chamadas migrações *campo-campo*) para locais próximos à terra de origem. Observou neste contexto que [...] *o trabalho de 'meia', acoplado a um alto grau de mobilidade sócio-espacial*, guardava estreita relação com a passagem de uma condição social de *parceiro*⁴ para a de pequeno proprietário rural (Machado, 1992, p. 377).

Embora estas pesquisas – assim como tantas outras presentes na literatura nacional e internacional sobre populações rurais – nos mostrem outros e diferentes processos migratórios, há um ponto em comum entre elas e o que ocorre em Aracatú, qual seja, o deslocamento de pessoas para outras localidades em busca de alternativas para manterem sua condição camponesa. Manter-se na condição camponesa, no sentido de uma vida ligada ao trabalho autônomo e familiar na terra, abarca diferentes projetos, seja mudança na condição social do camponês diante da terra, com a passagem da condição de morador para a de pequeno proprietário, ou a transformação dos parceiros em

também pequenos proprietários; seja ainda nos casos em que a terra já é um direito do agricultor e o que se busca com a migração é sua reprodução nessa terra, como acontece em Aracatú.

TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS: TRABALHAR FORA PARA VIR COMER SEMPRE NO MESMO LUGAR

A migração da população de Aracatú caracteriza-se por movimentos de deslocamentos sazonais ou temporários, as idas para as colheitas do café, e por deslocamentos para os médios e grandes centros urbanos com intuito de nestes permanecer por um tempo maior que o de uma colheita de café⁵. São modalidades de migração conformando dois momentos que se mesclam e se sucedem nas trajetórias de vida de vários migrantes.

Zé de Zora e Alceu são irmãos e durante parte de suas vidas trabalharam fora de suas terras *para vir comer sempre no mesmo lugar*⁶. Suas trajetórias migratórias mostram que há cerca de quarenta anos pelo menos, os aracatuenses já buscavam trabalho em outros municípios e regiões do país.

Zé de Zora morou sempre na roça. Nasceu em 1951 na fazenda de nome Horta, município de Aracatú. Casou-se com Laura em 1970 e foi morar na fazenda do sogro, no povoado vizinho de Piabanha. Dois anos mais tarde mudou-se com a esposa para a fazenda Martim, adquirida por seu pai em 1970, onde vive até hoje. Assim relatou Zé de Zora:

a maior parte dos meus nove filhos que eu tenho, a maior parte deles eu criei com recursos não só daqui, daqui e de São Paulo. [...] desde rapaz mocinho eu já conhecia a região que eu ia trabalhar pra lá, que a metade da minha vida eu num

posso dizer que eu vivi aqui, que eu moro aqui na Bahia, mas eu não posso dizer que eu vivi a maior parte da minha vida aqui, eu vivi a maior parte da minha vida em São Paulo, então eu num falo mal de São Paulo. Eu saía, todo ano eu tinha que ir, eu não, todo mundo [...]. As mulher ficavam cuidando da roça aqui enquanto a gente ia. (Entrevista com Zé de Zora, Aracatú, abril de 2007).

A trajetória de Alceu não difere muito. Nasceu também na fazenda Horta alguns poucos anos depois de Zé de Zora. No ano de 1970, ainda solteiro, mudou-se com o pai para a recém adquirida fazenda Martim. Casou-se no ano seguinte com Vinú e vive nesta fazenda até hoje. Sua vida foi sempre na roça, seja em Aracatú ou no *Sul* para onde ia freqüentemente em busca de trabalho. São as palavras de Alceu:

[...] aí fui trabalhando, trabalhando, e aquela, vivendo aquela crise. Tinha dia que a gente passava um dia em três, com ovo de galinha sem, só aquele ovo de galinha purinho, eu e ela [esposa] e a menina que eu criava. E daí eu fui pra São Paulo e lutei demais, sofri, eu sofri pra criar oito filho, eu sofri. Fui sozinho, naquele tempo eu fui sozinho e minha mulher ficou aí, que ela estava pra ganhar neném de Ismael, ela ficou e eu fui pra lá. Lá eu trabalhei acho que eu trabalhei uns três meses e nos três meses eu mandei um quebradinho de dinheiro pra nós poder pagar a venda. [...] Eu trabalhei ó, colhendo algodão, eu trabalhei colhendo café, eu trabalhei colhendo batatinha, eu trabalhei colhendo amendoim, eu fiz quebra de milho, eu fiz todo serviço lá. Toquei uma rocinha lá, num deu certo, perdi a roça. [...] Quando eles [filhos] cresceu eu fui pra Uru [centro do estado de São Paulo], eu e três, foi eu e três menino meu. Depois a menina cresceu, foi nós em quatro, e sofrendo, dormindo em cima de pau,

convivendo com ninho de cobra, tudo isso a gente sofreu. (Entrevista com Alceu, Aracatú, abril de 2007).

A migração em Aracatú é, ademais, uma prática que continua na geração seguinte à de Alceu e Zé de Zora. Trata-se de um movimento que combina deslocamentos temporários e definitivos como fases de uma prática única, a migração. Zé Nilton e Maria são aracatuenses que saíram há cerca de uma década de Aracatú. Em suas trajetórias observamos movimentos de deslocamentos temporários, para trabalhar em colheitas no interior do país, antecedendo a uma migração mais definitiva para o *Sul*.

Zé Nilton, 36 anos, é natural de Aracatú. É casado com uma das filhas de Zé de Zora. Seus pais e irmãos vivem em Aracatú onde trabalham com agricultura, sendo este o trabalho que Zé Nilton realizava antes de migrar. Com dezoito anos veio pela primeira vez para *Sul*. Morou cerca de quatro anos na casa de um cunhado em Artur Nogueira, interior de São Paulo, e depois voltou para a Bahia. Em Aracatú passou uma temporada de nove meses na fazenda dos pais, período em que *amigou*⁷ com Zélia. Mudou-se depois para Campinas, para o bairro Satélite Íris, na periferia da cidade, onde já viviam alguns parentes de Zélia. Em Campinas o casal teve duas filhas. Até ser demitido no início de 2006, Zé Nilton trabalhava como operador de máquina numa fábrica de colchões e Zélia no comércio. Entre os meses de maio e setembro de 2006, Zé Nilton e Zélia migraram para o município de Paraguaçu (sul de Minas Gerais) e trabalharam na colheita de café⁸, retornando novamente para Campinas no final da safra. No início de 2007 o casal e as filhas decidiram mudar-se para Paraguaçu, para *tentarem ganhar a vida*. Zé Nilton trabalha, atualmente, como turmeiro agenciando pessoas – na sua maioria vindos de sua

terra natal, Aracatú – para o trabalho temporário de colheita nos cafezais dos arredores de Paraguaçu.

Maria, 36 anos, a filha mais velha de Zé de Zora, foi a última dos filhos casados a vir morar no interior de São Paulo. Quando ainda solteira morava na fazenda Martim, mas já tinha por prática deslocar-se com os pais pelos arredores do município, para trabalhar principalmente com colheita do algodão. Depois de casada continuou a morar na fazenda Martim, mas já nessa época iniciou sua trajetória de migrações para lugares mais distantes, no *Sul*. Migrou para a safra do café em Pedregulho e para o corte da cana-de-acúcar¹⁰ e colheitas de cebola, algodão, feijão e tomate no Guará, região de Ribeirão Preto, ambos no interior de São Paulo. Durante essas migrações temporárias seus filhos ficavam na fazenda Martim, em Aracatú, sob os cuidados dos avós maternos. Em 1997 Maria, Osvaldo e os três filhos chegaram em Campinas, no bairro Satélite Íris. Atualmente, Osvaldo trabalha como operário numa indústria de colchões e ela é empregada doméstica em casa de família. No final de 2007 a família de Maria mudou-se para Artur Nogueira, mas o casal continua se deslocando para trabalhar em Campinas, distante daquela 60 quilômetros.

Diferentemente, embora partes de um mesmo processo migratório, configura-se a trajetória de Nanô, uma das irmãs de Zé de Zora. Ela e o marido Antonio, ambos naturais de Aracatú, moraram mais de uma década em Artur Nogueira, interior de São Paulo, lá trabalhando nas mais diversas funções, ligadas à agricultura ou não. No *Sul* criaram seus dez filhos. Há cerca de três anos o casal voltou para a fazenda Martim e passou a morar e plantar numa pequena área da fazenda Martim. E, a partir de então, as saídas para trabalhar temporariamente fora de Aracatú

passaram a fazer parte da rotina de trabalho do casal. Em 2006 estiveram na região de Artur Nogueira, trabalhando com colheita de laranja e, em 2007, foram para a colheita de café em Minas Gerais, indo, na seqüência, para a de laranja no interior de São Paulo.

As trajetórias migratórias de Zé Nilton, Maria e Nanô apresentam-se como pequenas amostras de um processo migratório que mescla diferentes modalidades de deslocamentos. Sejam migrações temporárias antes de uma moradia mais demorada no interior de São Paulo, como ocorreu com Maria, uma migração temporária seguida de uma moradia mais longa em Campinas, e depois uma mudança para Minas Gerais associada ao trabalho de *turmeiro*, como na trajetória de Zé Nildo, ou ainda, de migrações temporárias subseqüentes a uma fixação mais definitiva em Artur Nogueira, como o ocorrido com Nanô. São situações que por sua complexidade questionam uma metodologia de pesquisa, comum aos estudos migratórios, que trabalha com as categorias local de origem e local de destino dos migrantes. São categorias que talvez nos sejam úteis como referência analítica, de onde saiu e aonde chegou um migrante num dado momento de sua trajetória de vida, mas devemos ter cuidado em não naturalizar esse ou aquele lugar como a origem e o destino dos migrantes.

A MIGRAÇÃO TEMPORÁRIA PARA O CAFÉ

Inicialmente, ainda em Campinas, foi o movimento migratório desde a Bahia até a região de Campinas que despertou minha atenção, seja pela quantidade de *baianos*¹⁰ que eu encontrei no bairro Satélite Íris, seja pela estreita ligação que esses migrantes mantinham com seus parentes na terra natal. Ao chegar na

Bahia, entretanto, deparei-me com uma modalidade específica e disseminada de migração, as migrações temporárias *para o café*, que é como eles chamam as migrações temporárias para trabalho nas colheitas de café no interior dos estados de Minas Gerais e São Paulo.

Nos deslocamentos de camponeses para outros lugares, muitas vezes distantes de sua terra natal, várias podem ser as motivações para sair, sendo que uma das mais relatadas – principalmente quando o que está em pauta são populações carentes de recursos econômicos –, é a busca de dinheiro fora para *comer sempre no mesmo lugar*. Todo ano, entre os meses de maio e setembro, saem ônibus com homens¹¹, mulheres e crianças de Aracatú em direção a cafezais paulistas e mineiros. Durante essas ausências, casas ficam fechadas, roçados são abandonados ou deixados a cargo de parentes, escolas rurais são fechadas e as do centro urbano adaptam seus calendários para que as crianças e os jovens migrantes possam continuar estudando.

Embora a migração temporária de crianças com os pais seja uma prática comum e antiga em Aracatú, recentemente tem havido uma significativa diminuição nessas saídas. Isso é explicado em certa medida pela implantação do benefício Bolsa-Escola, um programa do Governo Federal que paga uma quantia em dinheiro para os pais das crianças que não faltarem à escola mais que o limite autorizado pela lei.

A seguir a transcrição da fala de uma jovem migrante:

Eu vou [migra para o café] desde os seis anos com a minha família, mas antes eu não trabalhava, eu só ficava [com os pais]. Eu já trabalhei quatro vezes.

E pra onde você [já] foi, é sempre pro mesmo lugar?

L: Não, eu já fui a primeira vez pra Patrocínio, em Minas [mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba]; a segunda vez pra Araguari, em Minas também [idem]; a terceira vez pra Patos de Minas, em Minas também [idem], e duas vezes pra Caromandel, Minas [idem].

E agora este ano você vai?

Vou.

Pra onde?

Araguari.

E da sua família quem que vai?

Só vai eu, duas irmãs e meu cunhado.

(Entrevista com Lidiane, 18 anos, estudante do ensino médio e agricultora, Aracatú, abril de 2007).

O OFÍCIO DO TURMEIRO: PERSONAGEM CENTRAL NAS MIGRAÇÕES TEMPORÁRIAS

Os *turmeiros*¹² têm papel central na organização das migrações temporárias de Aracatú. São parentes, vizinhos ou conhecidos dos migrantes, nascidos e criados na região, que trabalham como intermediadores entre esses e os fazendeiros. De forma semelhante à analisada pela literatura em outros cenários rurais brasileiros (Silva, M., 1999; Silva, V., 2005; Machado, 1992), em Aracatú os *turmeiros* têm uma trajetória de vida pregressa frequentemente associada ao trabalho na roça, na terra natal ou fora dela.

O ofício de *turmeiro* é frequentemente aprendido com os pais ou parentes próximos, que abrem caminhos para que os filhos continuem nessa profissão (Silva, M., 1999; Silva, V., 2005). É ademais, um ofício que confere uma posição de prestígio e de masculinidade aos que nela se embrenham, como mostrou Vanda Silva (2005) em sua pesquisa com jovens

rurais do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais.

Outro aspecto ligado aos *turmeiros*, chamados ainda de *carregadores*¹³ de migrantes, é sua atuação como agentes de crédito. Além de agenciadores de mão-de-obra para o café, os *turmeiros* intermediam o adiantamento das passagens rodoviárias junto às empresas de ônibus, às quais são pagas pelos migrantes em momento posterior, com o dinheiro obtido no trabalho da colheita.

A trajetória de vida de Zé Mascate, um dos mais antigos *turmeiros* da região, é emblemática para apresentar como se organiza seu ofício, assim como para desvelar alguns marcadores históricos da migração em Aracatú.

A vida lá [Aracatú] sempre difícil, porque lá as épocas de seca são direto. Então é um ano bom, quatro, cinco ruins, falta de chuvas; as terras são boas, falta de chuvas. Então a gente, nos anos 50 [1950] eu vim pra São Paulo trabalhar com turma. Aí eu era novo e aprendi a trabalhar com turma desde os anos 50. Voltei à Bahia em 55, aí passei um tempo por lá, não deu para continuar. [...] Aqui eu vim, primeiramente eu vim pra Pompéia [região noroeste de São Paulo]. [...] . Aí tiramos umas colheitas [...], voltei pra Bahia. Voltei pra Bahia, passei uns tempos na Bahia. Nos anos 70 [1970] aí veio uma crise pesada, mas daquelas que parou quase sem recurso, né. Eu fui a uma agência da Vera Cruz, que era uma empresa de ônibus, que eu sempre pensei no povo. Aí pedi pra ele um crédito de 45 dias pra mim trazer o pessoal pra São Paulo, porque não tinha jeito do pessoal ficar lá, e dinheiro não existia, não existia, não existia assim pra nós pobre. Aí ele foi comigo até a empresa e nós conseguimos a viagem para 45 dias. Eu trouxe naquele tempo 150 pessoas pra aqui, pra região de Artur Nogueira. Aí uns

foi colher laranja, outros foi colher algodão e tal, até que eu vim do derradeiro que veio, eu vim do derradeira lotação. Aí localizei esse povo tudo, que eu que tinha um pouco de conhecimento na área, localizei esse povo tudo na área, o povo trabalhou, o derradeiro dinheiro que recebi eu voltei e paguei a empresa total. E o povo foi beneficiado, venceu o ano nessa situação. Aí o povo, todo mundo retornou e tal, uma grande parte retornou, só ficou uma parte, uma pequena parte ficou por aqui, e esse que ficou por aqui deu continuidade, foi trabalhando, foi desenvolvendo. Até que alguns desenvolveu até bem, né. Bom, aí em torno dos anos de 75 [1975], aí veio outra fase pesada, que uma região lá perto, até no estado da Bahia, que chama Guanambi [região sudoeste da Bahia], aí eu fui pra lá, prosei lá com os fazendeiros tal, que sempre eu tinha o meu jeito de falar com a turma, prosei com os fazendeiros de Guanambi e comecei a levar de pouco gente, até que eu levei duzentas e poucas pessoas para a região [...]. Pra Guanambi, da minha terra pra Guanambi. [...] Aí nós passamos uns dois anos trabalhando nesta região. Eu abri uma área muito grande de algodão, fazia 4 mil hectares, 5 mil hectares de algodão e precisava de gente, e na nossa região nós trazia pra aí. Aí passemos um tempo aí, aí passou uns quatro anos, o pessoal saiu rodando essa região de Guanambi, até que todo mundo atualizou na área e tal, e daí através dos fazendeiros nós conseguimos um pessoal que tinha interesse na compra de algodão, que é lá das firma de compra de algodão, aí foram lá fazer uns testes nas terras, a gente levou eles pra lá [Aracatú]. E lá eles fez umas análises nas terras que achou as terras produzia algodão lá em Aracatú, onde é que nós

morava. Aí, através dos conhecimentos que eu já tinha com eles, consegui com eles pra eles ir lá. Reuniu lá em casa umas 150 pessoas da região e aí eles foram, de Guanambi foram pra lá. Chegou lá, ficaram lá, teve uma reunião, foi lá com o pessoal lá tal, analisou as terras, achou produção do algodão lá. Aí resultado, eu consegui as sementes com eles, e o veneno, pra plantar lá, que o pessoal não tinha condições. Levemos, levou os caminhão de semente, veneno tudo pra nos fornecer lá, pra fornecer pra turma. Deus me deu que vamos ter uma grande produção de algodão na região nossa. Mas, quando chegou num determinado tempo, aí o algodão caiu de preço, o algodão caiu de preço e aí a situação tornou a arruinar, que o povo deixou de plantar porque não tem mais preço. O algodão está com 12 anos que o preço em torno está em torno de 10, 12 real a arroba, e aí não teve mais condições do pessoal plantar o algodão, e o povo parou outra vez. [...] Deu uma parada pro pessoal plantar o algodão. Aí, no término de 95 eu já vim pra São Paulo novamente. Aí vim pra São Paulo, passei uns dias em Campinas. Aí já começou a chegar essa nova remessa em Campinas, uma remessa bem mais nova essa. Começou a chegar uma remessa bem mais nova e começamos a habitar na região de Campinas, lá no Satélite, por ali, né. Aí depois já tem muito bairro novo hoje de habitação em Campinas, eu saí pra aqui [Artur Nogueira]. Viemos pra Artur Nogueira e aí habitamos aqui, né. E aqui estamos. Assim, depois de dois anos que eu cheguei por aqui, aí eu lutei pra arrumar um lugar, pra tocar serviço outra vez, foi quando é que eu fui pra Minas, Machado, não, em Paraguaçu [sul de Minas Gerais], e consegui através de um cunhado

meu que tinha conhecimento lá, consegui amizade com os fazendeiros de lá e começamos a trazer gente outra vez pra Paraguaçu. Tem três anos mais ou menos, 2000 e, nós estamos em 2007, foi em 2004 mais ou menos. Aí veio a primeira remessa de gente pra lá, no outro ano já veio mais gente, o ano passado só na região de Machado nós estava com umas 200 pessoas, entre eu, meus filhos e sobrinhos, umas 200 pessoas na região de Machado, outra vez colhendo café. [...] Aí nós habitamos 200 e tantas pessoas só naquela região ali, uma baianada lá da nossa cidade. E hoje tomaram conta da região, um traz 50 [pessoas], outro traz 20, outro traz 10, mas estão tudo habitado lá. Foi através da gente, sempre quando o negócio está ruim, a gente sempre abre uma porta e coloca uma pessoa lá. (Entrevista realizada com Zé Mascate, Artur Nogueira, março de 2007).

Zé Mascate vive atualmente entre sua casa de Artur Nogueira e sua fazenda em Aracatú. Está se afastando aos poucos da profissão de *turmeiro*, passando pouco a pouco o ofício para os filhos homens que moram na fazenda. Trabalha atualmente na organização prévia à migração, no contato com os fazendeiros, e não vai mais com tanta frequência para os lugares das colheitas. Costuma, aliás, tomar conta da fazenda na Bahia enquanto seus filhos saem para trabalhar como *turmeiros* nos cafezais do Sul.

Não obstante trajetórias de vida como a de Zé Mascate nos mostrem os *turmeiros* como personagens centrais da migração de Aracatú, de dantes e de hoje, podemos observar através dos relatos de meus interlocutores mais velhos, Alceu e Zé de Zora, que ainda nos anos 1970 eles eram personagens menos importantes – ou menos presentes – do que hoje; a migração organizava-se

naquele tempo basicamente de forma individual ou em pequenos grupos, desvinculada da atuação de um *turmeiro*, o que dificilmente acontece nas atuais migrações *para o café*.

Em Guanambi (região sudoeste da Bahia, próximo a Aracatú) andamos uma noite todinha de a pé, nós e cinco pessoas. Andamos a noite todinha, quando o dia amanheceu, nós chegamos em Tamorão [?], nós chegamos lá e eu conversei com o rapaz lá, ele chama até Mané Gurujá, [falei]: “oh rapaz, a situação pra mim num está boa não”. [E ele respondeu] “mas se você está precisando de serviço eu vou levando numa pensão ali e eu vou ver se você arruma um servicinho aqui. Você vai comer lá, né, você precisa trabalhar para poder pagar o [brigão ?]. [Aí eu disse]: “mas eu quero é isso mesmo”. Aí ele me levou lá, a mulher deu de comer nós cinco dias. [...] Quando nós pagamos ela, aí eu arrumei outro servicinho e aí eu fiquei sozinho. (Entrevista realizada com Alceu, Aracatú, abril de 2007).

Com as mudanças na forma da migração cabe ainda discorrer acerca do conflito apontado por alguns de meus interlocutores, em especial por aqueles com mais de cinquenta anos, entre as leis de proteção dos trabalhadores rurais (ou as *leis*, como eles dizem) e a aposentadoria rural, em especial a que diz respeito ao registro do trabalhador em carteira de trabalho. Para esses agricultores mais velhos este direito é representado como entrave à obtenção da aposentadoria rural, uma vez que coloca em risco, segundo eles, um dos requisitos exigidos para a concessão do benefício, ter vivido e trabalhado na própria fazenda durante um período mínimo de tempo. Falando do passado assim contou Zé de Zora:

[...] naquele tempo existia uma dificuldade melhor do que hoje,

porque naquele tempo num existia a lei, e você chega numa casa, morar seis meses e querer ser dono, e naquele tempo não, a gente, nós saía daqui em 15, 20 pessoas pra São Paulo, chegava lá entrava na fazenda lá que a gente era acostumado, a gente chegava e já tinha confiança de entrar pra dentro das casas. Lá atrás do fazendeiro, o fazendeiro vinha, era botar a gente num trator, mesmo ele num tendo serviço, a gente morava lá e podia trabalhar pra outra pessoa. Aí colocava a gente no carro, já fornecia a compra pra gente, pra família aqui na Bahia, já fornecia dinheiro. E essa lei que hoje entrou de você vê, o povo fala que melhorou, mas pras famílias arruinou, eu acho que arruinou.

Naquela época também não assinava carteira?

Não, num assinava carteira, e num tinha essa lei de entrar e num querer sair. Tem um rapaz que acha que foi bom, mas pra mim não, eu acho que não. Porque hoje está faltando serviço, e você não pode botar pra morar na sua fazenda, na sua casa, que se entrar hoje amanhã num quer sair. E eu acho que no lugar de melhorar, piorou. Esse povo que tá trabalhando no café aí, que está trabalhando no café, são tudo registrado. [...] porque o povo tá saindo por obrigação, num é porque qué. É uma lei que vai prejudicar muita gente mais tarde, que tá todo mundo trabaiando no café registrado, e quando chegar a hora de aposentar, aí vai ficar um negócio complicado.

(Entrevista com Zé de Zora, Aracatú, abril de 2007).

Com essas breves linhas e sem pretender esgotar um fenômeno demasiado complexo e multifacetado como é o deslocamento de milhares, talvez de milhões de pessoas ao redor do mundo à procura de uma vida mais

digna, procurei refletir um pouco a respeito do fenômeno social da migração vivenciado há pelo menos meio século pelos homens e mulheres de Aracatú. Uma vida cá e lá, uma forma de comer, uma migração como uma estratégia de *buscar dinheiro fora para comer sempre no mesmo lugar*.

*** Verena Sevá Nogueira é doutoranda em antropologia social pelo IFCH/Unicamp e integra o Centro de Estudos Rurais - CERES do mesmo Instituto.**

NOTAS

1 - Sul é uma forma êmica, também presente na literatura sobre migração, para se referir aos estados brasileiros, tanto os da região Sudeste como os da região Sul, propriamente ditos. Para além de seu significado geográfico, faz referência a um local de moradia desejado e enaltecido por habitantes de outras regiões do Brasil, por ser um local visto como mais bem sucedido que os outros, e onde há principalmente mais oportunidades de trabalho.

2 - Fazenda é o nome recebido localmente pelas propriedades de terra. É uma denominação utilizada indistintamente, não importando o tamanho da propriedade.

3 - Morador é uma denominação êmica apresentada no texto de Garcia para descrever uma forma de relação de trabalho existente nos engenhos. Ser morador é trabalhar e morar no engenho e, principalmente, estar imerso numa relação de dependência pessoal com o senhor de engenho.

4 - Parceiro ou parceleiro são trabalhadores que plantam ou criam animais na terra de outrem e têm por contraprestação dividir com o proprietário da terra a produção.

5 - Trajetórias migratórias semelhantes às encontradas em Aracatú foram também observadas por Menezes (2002) em seu estudo com o deslocamento sazonal de *camponeses-trabalhadores migrantes* provenientes do agreste paraibano. Ao longo de suas trajetórias, as pessoas se envolvem em diferentes tipos de migração, ora para metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, ora para o trabalho temporário na safra da cana-de-açúcar na zona da mata pernambucana.

6 - Essa expressão aparece repetidamente na fala de seu Zé de Zora para explicar o movimento dos migrantes, que sempre saíam para trabalhar, mas sempre voltavam ao final, para casa.

7 - Termo utilizado pela própria interlocutora para dizer que a união conjugal que tem com

seu marido não se deu no cartório de registro civil e nem tem valor de casamento para a lei civil brasileira.

8 - O tio de Zélia, Zé Mascate, um dos *turmeiros* (agenciador de trabalhadores) mais antigos de Aracatú, era quem estava organizando uma turma de trabalhadores para ir para o café em Paraguaçu. Sabendo que a sobrinha e o marido estavam desempregados, convidou-os para se juntarem aos outros trabalhadores que vinham da Bahia.

9 - O marido de Maria trabalhava com o corte da cana e ela com colheita de outros produtos.

10 - É dessa forma que o grupo que vive em Campinas se auto-denomina, e é denominado pelos outros não-baianos que também vivem no bairro.

11 - No ano de 2006 saíram do município de Aracatú cerca de 40 ônibus *para o café*.

12 - Turmeiro é a forma local para designar a pessoa que agencia os migrantes para o trabalho agrícola temporário. A denominação *gato* é conhecida por eles, porém como a forma como se referem os fazendeiros no Sul.

13 - Este nome remonta aos tempos idos, quando os próprios *turmeiros* transportavam os migrantes até os locais de trabalho temporário, em meios de transporte conhecidos como paus-de-arara, onde os viajantes iam sentados em tábuas de madeira na carroceria do caminhão. Esta modalidade de transporte é ainda bastante utilizada no transporte local em Aracatú, referida localmente como *linha*.

REFERÊNCIAS

- GARCIA JÚNIOR, Afrânio
(1989) *O sul: caminho do roçado – estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Editora Universidade de Brasília: MCT: CNPq.
- MACHADO, Eduardo
(1992) *Trajetórias da migração rural da Bahia*. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, SP.
- MENEZES, Marilda Aparecida
(2002) *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara; João Pessoa: EDUFPA.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes
(1999) *Errantes do fim do século*. São Paulo: Fundação editora UNESP.
- SILVA, Vanda Aparecida
(2005) *Menina carregando menino...: sexualidade e família entre jovens de origem rural num município do Vale do Jequitinhonha (MG)*. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, SP.